

## **CICLO DE ENCONTROS EM UMA PROPOSTA DE ESCOLA DE PAIS: O PENSAR EM EDUCAÇÃO COM O ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NO PROCESSO**

Caroline Daronco Campos Romero SANCHES<sup>105</sup>, Helenara Machado de SOUZA<sup>106</sup>

<sup>105</sup>Mestranda na modalidade aluno especial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) em Osório; Pós-graduada na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) em Cruz Alta.

<sup>106</sup>Mestre, orientadora do trabalho; Professora do curso de Pós-Graduação em Gestão em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) em Cruz Alta.

E-mails: caroline-sanches@uergs.edu.br; helenara25@gmail.com

### **RESUMO**

A dinâmica social apresenta constantes transformações, tornando-se necessária a revisão dos papéis sociais que cada figura exerce na estrutura familiar. Estudos científicos mostram que o modelo de família tradicional estava organizado segundo uma hierarquia em que a figura paternal se baseava essencialmente no poder econômico, isentando-se por completo de possíveis manifestações afetivas para com os seus filhos. A porcentagem de tempo com a família é menor do que o período que a criança passa na escola, com isso a escola pode oportunizar um auxílio educativo para a qualidade do contexto familiar no sentido de propor um espaço aberto aos questionamentos, à conversa, ao debate e ao aprendizado. Com base nisso, este artigo visa proporcionar um processo de inclusão da família na rotina escolar, proporcionando elementos para uma execução mais ativa e efetiva no processo de educar e fortalecer os valores da educação.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, é preciso ter na escola um trabalho em conjunto entre a equipe de profissionais escolares, o educando e a família. Bowlby (1999) ressalta que é muito importante o grau em que os pais de uma criança a forneçam uma base segura e que a estimulem a explorar a partir dessa mesma. Nesses papéis, o desempenho dos pais varia segundo diversos parâmetros, dos quais o mais importante – por permear todas as relações – talvez seja o quanto os pais reconhecem e respeitam o desejo e a necessidade que a criança tem de uma base segura e ajustam seu comportamento a isso.

Diante disso, é necessário, em primeiro lugar, uma compreensão intuitiva do comportamento de ligação de uma criança e uma disposição para fazê-lo, e, no momento adequado, terminá-lo. Em segundo lugar, o reconhecimento de que uma das fontes mais comuns de raiva na criança é a frustração do seu desejo de amor e cuidados, e de que a sua ansiedade geralmente reflete a incerteza quanto à disponibilidade dos pais.

Portanto, é importante envolver a família na educação dos filhos e, principalmente, proporcionar que conheçam e compreendam a rotina de seus pequenos. A comunicação pais/escola não pode se dar somente nos recados pelas agendas ou por telefonemas, mas além da reunião semestral é preciso estabelecer um vínculo saudável e profissional entre ambos. Existem várias formas de comunicação, porém ela não pode ser apenas confortável, como por meio de uma rede social, por exemplo, e deve ter um objetivo concreto de favorecer o desenvolvimento integral dos educandos.

Os encontros da Escola de Pais foram promovidos no segundo semestre do ano letivo de 2018 e contaram com palestras e dinâmicas ministradas por psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, dentista e psicopedagogo. Os temas abordaram a questão da vida da criança e sua relação com a família.

Num mundo onde a dinâmica social sofre constantes transformações, torna-se necessária a revisão dos papéis sociais que cada figura exerce na estrutura familiar. Estudar os danos da exclusão das figuras familiares no desenvolvimento da personalidade de uma criança ou a influência dos contextos culturais na prática da maternagem ou da paternagem são assuntos muito delicados.

O papel do pai começa desde cedo. Para Aberastury (1991) a representação da figura paterna possibilita um equilíbrio que oferece à criança a regulação de sua capacidade de investir no mundo real. A sua participação como pai e o seu envolvimento na vida da criança devem ter início no momento mais precoce possível. Sabe-se, inclusive, que ao participar do parto, os pais se sentem extremamente úteis. Mas nem sempre se incentivou tal função. Segundo Freud (1970), nos livros *Leonardo da Vinci e Uma lembrança da sua infância*, para a maioria dos humanos, citando desde os primórdios até a atualidade, existe a vontade de se apoiar numa figura de autoridade, sendo ela de qualquer espécie, condição tão importante e imperativa que esse mundo construído pode se desconstruir se existir uma ameaça perante tal autoridade.

O modelo de pai que antes se refletia no controle e na autoridade no seio da família, reservava para a mãe as tarefas domésticas, incumbindo-a de tratar única e exclusivamente da educação dos filhos. Este modelo de família tradicional estava assim organizado segundo uma hierarquia em que a figura paternal se baseava essencialmente no poder econômico, isentando-se por completo de possíveis manifestações afetivas para com os seus filhos.

No entanto, devido às mudanças sociais que se fizeram sentir a partir da década de 60, como a emancipação da mulher, estabeleceram-se novas relações entre homens e mulheres, levando ao aparecimento de novos padrões familiares. O homem tem assim assistido à ruptura progressiva da hierarquia doméstica, assim como ao questionamento constante da sua autoridade.

Apesar do papel materno prevalecer sobre o papel do pai, sabe-se que a importância da figura paterna é altamente notória no desenvolvimento cognitivo, emocional e social de uma criança. Por outro lado, a relação estabelecida com os filhos ajuda no desenvolvimento pessoal do homem enquanto pai. Vários são os especialistas que defendem que a quebra do vínculo afetivo com o pai pode gerar sentimentos de abandono e de rejeição por parte da criança, que poderão repercutir nas relações por ela desenvolvidas no futuro, comprometendo a formação de novos vínculos.

Guy Coreant (apud Ana Costa, 2009), psicólogo, afirma que “[...] o pai é o primeiro outro que a criança encontra fora do ventre da mãe[...]”, sendo esta presença que lhe vai servir como suporte e apoio, possibilitando o seu desprendimento da mãe e a passagem do mundo da família para o mundo da sociedade. Raissa Cavalcante (1995), estudiosa, também defende que a figura paterna é a que permite à criança entrar num horizonte de novas possibilidades.

Disso tudo, e não questionando de forma alguma o papel da figura materna no desenvolvimento psicossocial de uma criança, podemos concluir que não é por isso que a figura paterna se torna dispensável. Assim e pelo fato de ser pai não é multiplicar a função da mãe, mas dar um potencial à vida da criança, a construção de relações afetivas duradouras e saudáveis, seja com o pai ou com a mãe, só traz vantagens para o desenvolvimento de uma criança. Ao ter um papel mais ativo no acompanhamento dos seus filhos, os pais estarão contribuindo para a formação de relações futuras que as crianças possam vir a desenvolver.

Diante da crise social que se vivencia atualmente e que influencia uma reestruturação dos papéis sociais que cada um faz dentro da família, é necessário oportunizar conteúdos e recursos para favorecer a convivência entre pais e filhos. A porcentagem de tempo com a família é maior do que o período que a criança passa na escola. Com isso, a escola pode oportunizar um auxílio educativo para a qualidade do contexto familiar no sentido de

propor um espaço aberto aos questionamentos, à conversa, ao debate e ao aprendizado.

Nesse sentido, o presente projeto de extensão visa proporcionar um processo de inclusão da família na rotina escolar, proporcionando elementos para uma execução mais efetiva e ativa no processo de educar e fortalecer os valores da educação. O objetivo geral do estudo foi despertar nos pais e/ou responsáveis, o interesse pela rotina escolar dos filhos, a questão da vida da criança e sua relação com a família. Como objetivos específicos foram definidos: proporcionar aos pais dos alunos a oportunidade de fazer parte da vida escolar das crianças; favorecer a relação familiar da vida dos educandos; integrar a família nas atividades educativas da escola; oferecer aos familiares a possibilidade de conhecer os interesses de seus filhos e compreender a fase de vida a qual sua criança está passando.

Nesse contexto, percebe-se que existe uma grande eficácia no trabalho do educador quando a criança já chega à escola com uma bagagem cultural trazida de casa. As crianças têm maior capacidade de aprendizagem partindo destes estímulos vindos da família.

## **METODOLOGIA**

Foram oferecidas sete atividades para participação dos alunos e seus familiares, junto com a equipe da escola, encontros com o foco “Escola de Pais”. Foi um ciclo de encontros, com palestrantes referência em infância, que trouxe conceitos, dicas e debates com o objetivo de proporcionar a oportunidade de sermos pais mais capacitados a entender as necessidades nossas e dos nossos filhos, com um olhar amplo e atual do mundo em que vivemos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme o transcurso da história, a família apresenta uma forma de representação. Existe o conceito representação social, nesse sentido. Há um conteúdo compartilhado socialmente, como por exemplo, a representação de amizade, que é avaliada de forma quantitativa, de maneira que se apresenta o número de amigos em redes sociais e o número de curtidas que se recebe em cada postagem.

O mundo é incerto na atualidade, insegurança política e instabilidade do cidadão na sociedade. As relações são frágeis, ligadas ao interesse e ao egoísmo. A referência moral não está norteando o ser humano. Não temos conteúdo de sentido. Zigmunt Bauman, professor de sociologia na Universidade de Varsóvia e de Leeds, na Inglaterra, é autor prestigiado da modernidade, sua análise perante os vínculos sociais e o cotidiano refletem claramente sobre o tema família e a contemporaneidade. Segundo o autor, pela aceleração e pela ansiedade que passamos os dias atuais, ponderando que nossas atitudes realizadas se diversificam mesmo antes de serem realizadas nas atividades do cotidiano, não estamos estabelecendo vínculos saudáveis.

Segundo o autor:

“Relacionamento” é o assunto mais quente do momento, e aparentemente o único jogo que vale a pena, apesar de seus óbvios riscos. Alguns sociólogos, acostumados a compor teorias a partir de questionários, estatísticas e crenças baseadas no senso comum, apressam-se em concluir que seus contemporâneos estão totalmente abertos a amizades, laços, convívio, comunidade. De fato, contudo (como se seguissemos a regra de Martin Heidegger de que as coisas só se revelam à consciência por meio da frustração que provocam —

fracassando, desaparecendo, comportando-se de forma inadequada ou negando sua natureza de alguma outra forma), hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperamos obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plena e verdadeiramente satisfatórias (Bauman, 2004, p. 6).

Na atualidade, esse tipo de relação social é pautado no termo “conexão”, novo termo que revela o mesmo autor. Ou seja, esse conectar-se revelando o termo dos sites de encontro, nos quais as pessoas encontram pares para que o posterior descarte seja fácil, havendo uma simples desconexão. Tal processo acaba acarretando o tipo de relacionamento da modernidade líquida, sem se sentir pressionado, sem conexão, sem remorso, com trocas por parceiros melhores, e de forma mútua sem responsabilidade. Para Bauman, a quantidade de parceiros e de amigos nas redes sociais é uma tentativa de recompensa pela baixa qualidade desses vínculos.

Nessa linha de pensamento podemos citar Serge Moscovici, um psicólogo social que revela que a representação social torna conhecido o que para nós é desconhecido, esse pode ser um ser humano, um ponto de vista ou uma coisa qualquer. Conhecemos as pessoas pela representação social que elas exercem e que nos é passada.

É interessante falarmos nesse ponto sobre o conceito de **consciência coletiva**, que foi criado pelo sociólogo francês Émile Durkheim que define um grupo de peculiaridades, saberes e interesses comuns de uma sociedade, que estimula uma comunidade inteira agir de uma mesma maneira. Por exemplo, o que a pobreza representa no imaginário coletivo é que todos os pobres são marginalizados. Moscovici trabalha o individual, que é da realidade cotidiana que o indivíduo mostra seu mundo, o qual incorpora das relações sociais seu ser individual. O que se apresenta é que o próprio termo família, historicamente e

culturalmente teve inúmeras representações sociais. O autor tenta chegar a um conhecimento que torna nosso cotidiano possível, a partir da explicação de mundo, de nossa família, pois somos seres relacionais. Segundo Moscovici (1993, p. 244), o “social” da representação tem sua razão de ser por três motivos:

- por originar-se nas conversas e discussões diárias (...);
- por dispor de um código aceito para a comunicação, pois, ao compartilharem representações, as pessoas podem se compreender umas às outras, de modo a estabelecerem conversas fluidas e inteligíveis;
- por determinar os limites de um grupo, ou seja, as representações distinguem os membros de cada grupo.

A questão da própria subjetividade é uma construção social, não podemos pensar sem o coletivo, é o externo que se torna interno. Cada ser é único, soma-se a esse ser as circunstâncias pessoais, esse interno, acrescido à realidade externa, que possibilita que as relações sociais traduzam nossa realidade. O senso comum não é científico, mas manifesta as representações sociais.

Diz Moscovic:

Todas as nossas *experiências afetivas*, nossas condutas, nossas respostas corporais e verbais são efeitos, não de uma excitação exterior como tal, mas sim da representação que nós possuímos dela. (Moscovici apud Quiroz P. e Martínez V., 1991, p. 5)

O simbólico e o poder de construção do real se fazem por meio do abstrato que constrói o concreto. Aqui a figura de Deus que é simbólico, não é palpável, mas é concreto por meio do



compartilhar o conteúdo de sentido. Deus existe para as pessoas que creem. Deus se torna tão concreto que se faz uma estrutura possível. Foucault, 1984, retrata que a religião trabalha no sentido de tirar do indivíduo o poder de ser ele mesmo.

A melhor forma de aceitar a finitude humana, de dar uma estrutura plausível, só a religião é capaz. As religiões surgiram para que o homem consiga suportar sua dor primeira, que é a dor da finitude. Moscovici apresenta em seus trabalhos a tradução do desconhecido, é um saber não apenas sobre a realidade. A sagrada família é um exemplo de simbolismo compartilhado, que assume uma concretude, pertencente ao senso comum. A escola, a cada momento histórico, também vai estar coberta por simbolismos, por representações sociais.

No Brasil, o universo religioso de representações sociais é extremamente poderoso. Na nossa vida social trabalhamos com trocas sociais. Bauman em seu livro *Amor Líquido*, 2004, retrata que a palavra amor está cheia de representações sociais. Trocas simbólicas são necessárias para o ser humano, elas dão sentido para a vida, o que as afeta, pois o afeto está ligado não só ao positivo. Sem essas trocas simbólicas não conseguiríamos viver. Jamais poderíamos ser o tempo inteiro racionais. É necessário fantasiar.

A representação social é uma forma de conhecimento que elabora a maneira de formar o jeito de se comportar do grupo e do indivíduo. São repertórios de saberes que podem se modificar a qualquer momento. Moscovici traz a ancoragem de conteúdos de sentido, no representar a inserção do que está fora de nós, que faz parte do senso comum que compartilhamos e constitui nossa subjetividade. A família é um exemplo de instituição social que incorpora tudo que está na sociedade. Se as relações entre gêneros são igualitárias, na família também será. Existe uma visão religiosa da família, no retrato das três figuras de Jesus, Maria e José. Há uma matriz que diz que a família é homem, mulher e filhos. E como instituição social a família vai ser atravessada pelas relações sociais.

A família de hoje, contemporânea, não tem papéis definidos. As coisas não são inteiras, não são sólidas, são fragmentadas e flexíveis. Tudo vale. Está questionada por vários artefatos culturais. É uma era de transição, não temos passado em nossa história e não programamos o futuro. Se pensa no momento. Nessa vida em fragmentos vai se ter um território discursivo no ritmo do que acontece no momento. A família não é grande, porém abriga vários parentescos das novas relações.

Os papéis sociais também estão no campo da flexibilidade, que gera a constituição dessa família. O jovem não tem raiz afetiva. Designada geração Y, as preocupações não se referem à estabilidade profissional, nem cumprir horários, surge o trabalho de casa como trabalho intermitente.

A mulher assume o papel de provedora do lar. Nesse sentido ela destrói o discurso do homem como mantenedor. A família apresenta espaços transitórios, filhos nas redes sociais, cada um ocupa um lugar na casa. O papel social do homem desmorona do gênero masculino e ele não se vê mais como o grandioso provedor. O que acaba acarretando na sua perda de identidade, resultado de uma crise de identidade social. A subjetividade é uma construção a partir do social. Dessa forma, surge um outro tipo de subjetividade feminina com um novo papel social. A família está em fragmentos, em evidente crise.

Pelo exposto podemos notar que no momento que a família deveria educar e a escola ensinar conhecimentos das áreas específicas, estando o núcleo familiar fragmentado, não consegue exercer seu papel de educar. Sendo assim, a escola assume essa função. Pai e mãe saem de casa para trabalhar e as crianças vão para a escola. Na fragilidade dos laços a família segue sem presente, passado e muito menos futuro. Sem termos futuro, nossas crianças ficam sem o cuidado do lar, esse papel é imposto ao professor e a escola.

Existe o presente, mas os pais trabalham o tempo todo, não existe tempo para cuidar dos infantes. Não se fala em família

perfeita, nem melhor, nem pior, e sim da situação atual. No pensamento de Emille Durkheim (2007) a instituição familiar organiza o sistema social do indivíduo, entretanto, essa é a instituição de base, para a formação moral e ética do indivíduo. Mas tal situação gera um buraco emocional extremo. No ser humano existem partes que faltam, a falta da maternagem e da paternagem geram grandes conflitos. Essa função não poderá ser exercida pela escola.

A grande preocupação é perante a geração que está se formando sem esses elementos fundamentais. Suicídio, abuso de álcool e drogas, esses são os resultados para as crianças e adolescentes. Então ficam questões abertas. Que geração? Que filhos do hoje? Que ser humano está sendo construído?

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi construído a partir do Trabalho de Conclusão do Cursode Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão em Educação: Supervisão e Orientação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Surgiu da observação perante a atual dinâmica social que passa por muitas mudanças e foi concretizada na prática de estágio.

Ao chegarmos ao décimo oitavo ano do século XXI, percebemos o cenário social atual em crescente transformação, destacando-se que a relação entre a escola e a família são de fundamental importância para o desenvolvimento do educando de forma integral. E para que isso possa ocorrer a escola pode oferecer oportunidade para os pais estarem mais perto da instituição de ensino que escolheram para seus filhos. É necessário que as famílias criem o hábito de ativa participação na vida escolar de seus filhos.

Ao concluir o estágio foi possível observar que existem objetivos em comum entre a comunidade escolar e os familiares dos educandos: a educação de qualidade para as crianças. Por isso, as instituições de ensino devem oferecer oportunidades de

aproximação com familiares, oportunizando a reflexão de que o ato de educar não é restrito à escola, já que este é papel de todos.

Dentro desta análise não se pode esquecer do fato que os educadores têm uma tendência de culpar os pais pela falta de parceria entre família e a escola. É também papel da escola oferecer uma prática pedagógica voltada para os familiares, com uma equipe multidisciplinar que apresente o que a escola está oferecendo para os seus filhos e que existe uma normalidade até mesmo nas situações complicadas. Não obstante os professores tenham razão quando afirmam que a participação da família na vida escolar do filho é muito importante para uma melhor aprendizagem, é papel da escola buscar uma saída para situações ruins e que tudo isso faz parte do desenvolvimento normal e sadio dos infantes.

É importante essa mudança nas atitudes de todos, ou seja, da equipe diretiva, família, professores e funcionários da escola, sem a função restrita em encontrar culpados, mas na resolução dessa problemática que existe e é visível. Todos juntos podemos reinventar essa escola contemporânea. Assim, os objetivos propostos se remetem ao papel que os pais podem exercer dentro da instituição de ensino que seu filho frequenta. A parceria da família com a escola resulta num impacto muito positivo tanto para a vida dos alunos, quanto para a própria escola, que se reinventa com novas descobertas trazidas pelos pais dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. A paternidade. In: Aberastury, A; Salas, E.J. (eds.). **Paternidade: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAVALCANTE, R. **O mundo do pai: Mitos, símbolos e arquétipos**. São Paulo: Cultrix, 1995.

COSTA, C. Ana. **O Olhar da Psicologia: O Papel do Pai**. Portal, 2009.

DURKHEIM, Émile. **O Ensino da Moral na Escola Primária**. Tradução de Raquel Weiss. Novos Estudos. CEBRAP, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Livraria Tauros Editora, 1984.

Freud S. Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da sua Infância, 1910. In: **Freud S. Obras psicológicas completas**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

GRINSPUN, Míriam P. S. Zippin. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas de integração na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Lo social em tiempos de transición (Entrevista concedida a Mireya Losada)**. Venezuela. SIC, n. 617, pp. 302-305, ago. 1999.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais**. Investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

PASCOAL, M. A orientação educacional no Brasil: uma discussão crítica. In: **Póiesis pedagógica Revista do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás**. v. 3, n. 3 e 4, 2005 e 2006.

QUIROZ P., A. e MARTÍNEZ V., N. La psicología social em Serge Moscovici. México. **Alelon - Revista Mexicana de Psicologia Social**, ano 3, n. especial, pp. 3-28. 1991.